

## A influência dos valores ocidentais sobre a Primavera Árabe: Capitalismo, Democracia e Liberdade Política

Andrea Pennacchi MARCONDES <sup>1</sup>  
Luiz Felipe Aglio OLIVEIRA <sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo abordará alguns aspectos da cultura ocidental que podem ter influenciado as recentes revoltas no Oriente Médio, denominadas “Primavera Árabe”. Para tanto, procurará discutir como o capitalismo, a democracia e valores de liberdade política são representados naquela região, bem como analisar se - a curto prazo e após revoltar-se contra seus governantes - a população desses países conseguirá usufruir dos benefícios democráticos esperados, ou se, na verdade todos esses movimentos sociais não passaram de uma acomodação interna de elites políticas adversárias ou de uma troca de poderes arbitrários sem qualquer efeito benéfico sobre o cidadão comum.

**Palavras Chave:** Primavera Árabe. Valores ocidentais. Capitalismo. Democracia. Liberdade política.

### Introdução

Esse artigo tem como objetivo discutir as recentes revoltas contra os regimes corruptos e autoritários de alguns países do Oriente Médio e identificar se sua ocorrência se deveu a algum tipo de influência direta ou indireta da cultura dos países Ocidentais sobre a população rebelada. O tema surgiu a partir de discussões referentes à chamada “Primavera Árabe”.

Para identificar se as revoltas foram influenciadas por valores ocidentais, procurar-se-á discorrer sobre conceitos como capitalismo, democracia e liberdade política e em seguida, identificar sua representação entre os povos no

---

<sup>1</sup> Docente dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Serviço Social e Sistemas de Informação das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” (FIAET) de Presidente Prudente. Doutora em História e Sociedade pela UNESP-Assis/SP. Orientadora do Grupo de Pesquisa Científica “Relações internacionais: ações sociais, jurídicas e econômicas na construção de uma sociedade supranacional sustentável” na FIAET. Contato: andreamarcondes@terra.com.br

<sup>2</sup> Discente do 2º. Termo de Ciências Contábeis das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, SP. Membro do Grupo de Pesquisa Científica “Relações internacionais: ações sociais, jurídicas e econômicas na construção de uma sociedade supranacional sustentável” na FIAET. Contato: felipe\_aglio@hotmail.com

Oriente Médio. Pretende-se ainda discutir o que a população desses países aspira ou pode ganhar adotando os valores e regimes democráticos dos países ocidentais, tão distintos e distantes dos manifestos em suas próprias culturas, além do papel que deverá ser exercido pelas novas lideranças que eventualmente emergirem nesse processo.

Os vários povos e nações que ocupam atualmente territórios na região do Oriente Médio passaram muitos séculos sob o domínio de outros impérios até que, ao longo do século XX, gradualmente conquistaram sua independência política. No entanto, o custo dessa independência foi elevado para aqueles que, sem lideranças responsáveis e ainda pouco preparados para assumir o próprio destino, viram-se dominados por líderes políticos inescrupulosos e – sob a tutela ou não das grandes potências ocidentais – viram-se sujeitos a regimes corruptos e autoritários, nos quais famílias poderosas locais abusavam do poder e acentuavam uma situação pré-existente de pobreza em massa, agravando as condições de vidas de suas já sofridas populações.

Desde dezembro de 2010, no entanto, uma onda revolucionária de manifestações e protestos se alastrou pelo Oriente Médio e Norte da África, e os governos ali instalados viram-se sacudidos por manifestações de resistência civil, protestos, greves, passeatas e comícios.<sup>3</sup>

Extraordinariamente e pela primeira vez na história das rebeliões populares, além de movimentos de rua, os rebeldes também se utilizaram de redes sociais de acesso mundial como o Facebook, o Twitter e o Youtube, tanto para tornar público o seu desagravo contra a forma que vêm sendo tratado por seus líderes políticos, quanto para organizar, comunicar e sensibilizar os demais membros de sua população contra o papel repressor de seus Estados<sup>4</sup>.

A Tunísia e o Egito sofreram uma revolução e tiveram seus governantes defenestrados<sup>5</sup>. A Líbia, uma guerra civil. Em países como Argélia, Bahrein, Dbuti, Iraque, Jordânia, Síria, Omã e Lêmen, protestos populares de grande monta repercutiram e ainda repercutem na mídia internacional. O Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental foram

---

<sup>3</sup> PIPER, 27/01/2012.

<sup>4</sup> TURNER, 26/01/2012.

<sup>5</sup> GOODMAN, 28/01/2012.

menos afetados, mas nem por isso deixaram de sofrer manifestações populares clamando por liberdade, por democracia e por melhores condições de vida<sup>6</sup>.

Apesar de muitos dos acontecimentos que levaram a consideráveis transformações no cenário político desses países já datarem de mais de um ano, muitos países afetados pelas rebeliões ainda não tiveram sua ordem civil reconstituída e é por isso que a discussão desse tema é importante.

O que fica no ar é: será que esses movimentos realmente permitirão que as populações desses países usufruam das liberdades individuais e dos direitos fundamentais pelos quais aparentemente lutaram, sem ser explorado por interesses estrangeiros? Conseguirão finalmente alcançar seu desenvolvimento pleno ou será que, mais uma vez, serão utilizadas como massa de manobra para atender a interesses econômicos de potências europeias e norte-americanas ou a interesses de políticos locais que aspiravam substituir os governos vigentes?

Para desenvolver este artigo, foram acessadas fontes da mídia internacional e uma bibliografia clássica, visando trabalhar os conceitos que permeiam o tema.

## **1. Capitalismo**

### **1.1 Definição**

O capitalismo é um sistema econômico caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção; pela distribuição de bens de produção e serviço; pela existência de mercados livres e de trabalho assalariado.

Nesse sistema econômico, a maioria das decisões sobre oferta e demanda, preço, distribuição e investimento têm caráter autônomo e privado e não são planejados pelo governo<sup>7</sup>.

Os lucros das empresas privadas são distribuídos entre seus investidores e destinados à remuneração da mão de obra produtiva. Seu sistema

---

<sup>6</sup> MOISI, 2011.

<sup>7</sup> RAND, 02/12/2011.

sócio-econômico baseia-se no reconhecimento dos direitos individuais e na premissa de que a função do governo é de garantir a posse da propriedade privada e regulamentar todo o processo, contando com a força coercitiva da polícia civil, do exército e das cortes de lei, mas sem interferir em seus mecanismos externos.

## 1.2 O Capitalismo no Oriente Médio

Como o sistema capitalista é adotado em todo o mundo, a crise que o afetou no Ocidente em 2008 também se manifestou no Oriente Médio com forte intensidade, apesar das diferenças econômicas, políticas e culturais existentes entre as duas regiões. Política e socialmente, os países árabes caracterizam-se por regimes ditatoriais, por grande fragmentação nacional, étnica e religiosa, por altos níveis de corrupção burocrática e pelo fato da população nativa sofrer, sistematicamente, com elevados níveis de desemprego - que reforçam a pobreza e a miséria das grandes massas.

Como consequência das condições subumanas em que vive a população desses territórios, observou-se nos últimos dois anos uma série de manifestações populares contra as ditaduras corruptas que governavam seus países, e quase todas contaram com o apoio das potências Ocidentais.

A primeira manifestação popular aconteceu em 17 de dezembro de 2010 em Túnis, quando um jovem tunisiano ateou fogo em seu próprio corpo como protesto contra as péssimas condições de vida de seu povo. Esse evento desencadeou uma série de revoltas populares na capital e nos maiores centros urbanos do país e culminou com a deposição do primeiro chefe de estado árabe, Zine El Abadine Bem Ali, em Janeiro de 2011. A partir desse movimento bem sucedido, a os movimentos populares contra os demais governos ditatoriais da região se espalharam por todo o mundo árabe.

De acordo com Luiz Carlos Bresser<sup>8</sup> - professor emérito da Fundação Getúlio Vargas - aparentemente, a população revoltada tinha um objetivo: fazer a transição de regimes corruptos e autoritários, para regimes democráticos. mas antes de fazê-lo, teriam que realizar uma revolução capitalista.

---

<sup>8</sup> BRESSER-PEREIRA, p. 32-41, 2011

Para ele, no entanto, essa revolução só poderia ocorrer em países que estivessem em processo de desenvolvimento comercial ou industrial que lhes permitisse acumular capital, ou seja, onde seu estágio econômico e político estivessem bem mais avançados do que são presentemente os países pobres do Oriente Médio, caracterizados por minúsculas ilhas de produção assalariada – fundada principalmente na exploração do petróleo, abundante na região – e cercadas por oceanos imensos de uma agricultura tribal e de um sistema de trocas ainda muito assentado no escambo.

Além do atraso econômico, a população nativa é majoritariamente analfabeta, desnutrida e desprovida de lideranças voltadas para os interesses coletivos, dificultando o processo que levaria a uma revolução nacional ou à formação de quadros para compor um Estado-nação efetivamente autônomo. Sendo assim, na prática, como poderiam realizar uma revolução capitalista, criar uma classe urbana e burguesa que se oporia aos interesses das monarquias absolutas vigentes e em seguida, impor a vontade popular para garantir direitos ou liberdades civis?

Na Tunísia e no Egito, países sem grandes atrativos econômicos para as grandes potências ocidentais, por exemplo, as manifestações populares contra os governantes despóticos contaram apenas com a pressão popular e da mídia internacional. Mesmo assim o ditador egípcio Hosni Mubaarack renunciou ao poder em 11/02/2011<sup>9</sup>.

A Líbia, ao contrário do Egito e Tunísia, é muito rica em petróleo. Por isso os revoltosos receberam o apoio *desinteressado* dos governos europeus que, por meio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), fizeram uma intervenção militar naquele país. Os rebeldes contaram também com a ajuda financeira e militar dos Estados Unidos, que, sob a justificativa de defender as populações civis contra a brutal repressão do governo, propuseram-se a capturar, torturar e assassinar seu antigo aliado, o ditador Muamar Kadafi, que governara o país com mão de ferro durante 42 anos<sup>10</sup>.

Na Síria, o chefe das forças de paz das Nações Unidas, Hervé Ladsous, disse em junho de 2012 que os confrontos já haviam se tornado uma

---

<sup>9</sup> KIRKPATRICK, 2011

<sup>10</sup> MORENO, 2011.

Guerra Civil, pois mais de 14 mil pessoas já haviam morrido desde o início das revoltas populares, sendo a maioria civis,<sup>11</sup>.

É por isso, portanto, que apesar dos movimentos sociais terem sacudido as estruturas de governos ditatoriais como a Líbia, o Egito e a Síria há mais de um ano, seus resultados são muito variados e, certamente, ainda não atingiram os objetivos almejados pelos rebeldes. Ainda não se vê, infelizmente, nenhum movimento em direção a uma revolução capitalista, com investimentos diversificados na produção de bens de consumo para distribuição e circulação interna. Um movimento capitalista intenso na região permitiria a emergência de uma nova classe social urbana - mais eficiente – que contestaria a elite aristocrática que ocupa o poder fundamentada na receita do petróleo e em efetivos militares coercitivos.

## **2. Liberdade Política**

### **2.1 Definição**

O termo “liberdade política” refere-se à liberdade dos cidadãos ou de associarem-se para atender interesses comuns ou de participarem do processo de representatividade política de seu país; ou seja, de terem o poder de escolher seus representantes no governo ou participarem dele diretamente, seja por meio do voto, seja por meio de cargos na administração pública. Pode-se dizer que há uma estreita relação entre liberdade política e democracia, só existindo democracia onde há liberdade política e vice-versa<sup>12</sup>.

### **2.2 Liberdades Política no Oriente Médio**

---

<sup>11</sup> CHARBONNEAU, 2012

<sup>12</sup> ALVES, 2005

A grande maioria dos regimes políticos no Oriente Médio são ditaduras declaradas, monarquias absolutistas ou teocracias. O mundo árabe manteve-se sob domínio otomano desde o século XV - após a tomada de Constantinopla e a queda do Império Romano do Oriente - e, somente após a derrota sofrida pela Turquia na 1ª Guerra Mundial é que as várias nações estabelecidas naquela região foram transformadas em países independentes ou protetorados e divididos entre as principais potências europeias, vencedoras do conflito.

Como consequência dos interesses econômicos dos vencedores, foram criados Estados com fronteiras artificiais e suas populações, em claro desrespeito à autonomia dos povos, foram ou separadas, ou anexadas a grupos inimigos dentro de um mesmo território e colocadas sob o domínio de algum governante-marionete a serviço das potências europeias. Quando durante a Guerra Fria esses conflitos internos eclodiram em guerras de independência - após guerras civis e golpes de estado apoiados pelos Estados Unidos ou pela União Soviética, conforme os interesses envolvidos – muitos povos do Oriente Médio e do Norte da África se viram sob o controle de governos militares e autocráticos, onde a liberdade política ou a participação cidadã no processo de governança era absolutamente impensável.

Esse jogo de poder se consolidou principalmente nas regiões de produção petrolífera, tendo sido incentivada pelas divergências ideológico-políticas e pelos interesses econômicos dos EUA e URSS, perdurando por toda a Guerra Fria (1947-1989),

Em termos políticos, portanto, a população de vários países árabes sofreu sob regimes ditatoriais e autoritários por décadas, tendo que conviver com violência, miséria e fome, sem direitos civis nem liberdade eleitoral e submetendo-se ao poder arbitrário de famílias poderosas que abocanhavam o poder. .

No entanto, os tempos mudaram. Desde os primeiros anos do século XXI, o mundo vem passando por vários processos de avanços sociais, econômicos e políticos cujos efeitos são disseminados por todo o planeta por meios de comunicação de massa - como a televisão e principalmente, a Internet, que permite contatos interativos e imediatos entre todos. Os modelos de democracia ocidentais passaram a ser exportados aos povos do mundo árabe por meio desses meios de comunicação e gradualmente, atingiram os jovens que, cansados de serem

explorados economicamente. Subjugados religiosamente por uma elite ortodoxa e, excluídos de todo o processo de governança nacional, eles se revoltaram contra a submissão tradicional de seus pais e avós às ditaduras e saíram às ruas reivindicando direitos humanos, clamando por liberdade e por um regime democrático com efetiva participação popular.

Baseando-se nas diretrizes de instituições políticas e sociais em vigor no mundo Ocidental essas rebeliões, conhecidas como “Primavera Árabe” vêm conturbando o ambiente político dos povos árabes, e derrubando regimes ditatoriais ultrapassados e falidos que estavam há muito tempo no poder.

Resta saber, agora, como se darão as relações internas de participação popular no processo político. Até que ponto esses jovens que detonaram o gatilho revolucionário está preparado para exercer com responsabilidade os direitos pelos quais muitos deram a vida? Que tipo de liderança irá emergir entre eles? Que apoio essas novas lideranças receberão da grande massa sublevada quando esta perceber que as mudanças que esperavam – de caráter econômico, com melhorias em suas condições de vida e principalmente, com maior acesso a bens ocidentais – não estão ocorrendo e que, se vierem, acontecerão de forma muito mais lenta do que desejam?

Um ano depois, sob o efeito das primeiras eleições livres em países como o Egito, por exemplo, o mundo ainda espera respostas.

### **3. Democracia**

#### **3.1 Definição**

Democracia é uma forma de governo e organização de um Estado na qual a tomada de decisões políticas é feita por mecanismos de participação direta - quando o cidadão expressa a sua vontade por meio do voto em um assunto particular - ou indireta, quando elege representante e lhes dá poder para que tomem decisões em seu nome. É a institucionalização da liberdade, isto é, de um conjunto de princípios e práticas que protegem a liberdade humana. Ao participar de uma democracia, o cidadão não tem apenas direito, mas também deveres<sup>13</sup>.

#### **3.2 Democracia no Oriente Médio**

Tem sido lugar comum a afirmação de que, com exceção de Israel, não existe democracia entre os países do Oriente Médio, caracterizados por regimes ditatoriais, monárquico-absolutistas ou teocráticos. De acordo com Lauro Monteclaro<sup>14</sup>, o mundo islâmico ainda não teria ultrapassado a “fase do iluminismo” pela qual passaram os países ocidentais. Como dessa fase filosófica derivaram os principais fundamentos das democracias - como separação entre religião e política, princípios da tolerância e convívio pacífico entre correntes diferentes de pensamento - observa-se que são exatamente essas instituições que, em suma, faltam à maioria dos países árabes para que possam adotar o sistema democrático ocidental como opção política serem bem sucedidos.

---

<sup>13</sup> **MARX**, H.G, 2007.

<sup>14</sup> **MONTECLARO**, 2011.

Há autores, como Joseph Nye<sup>15</sup>, que vêm nas atitudes de sujeição dos povos árabes e de dominação autocrática de seus governantes uma característica peculiar da “cultura islâmica”, fundada na religião e em tradições tribais. Assim, o ocidente liberal e laico vivencia um “choque de civilizações” com todo um estilo de vida que caracteriza o mundo árabe, no qual conceitos como democracia, liberdade política ou representatividade popular estariam em total discordância com o modo de pensar e agir intolerante, radical e sempre avesso às instituições democráticas que até o presente haviam caracterizado a cultura desses povos.

Com a Primavera Árabe e a derrubada de governos ditatoriais, a população rebelada almeja transformar suas estruturas sócio-econômicas e tentar estabelecer um Estado-Democrático de Direito laico – dentro dos limites de uma cultura teocrática com fundamentos milenares – permitindo maior participação popular na governança e principalmente mais acesso aos direitos fundamentais e às liberdades individuais.

O que se teme, no entanto e principalmente, em face das próprias características culturais desses povos, da falta de lideranças efetivamente populares e do despreparo das grandes massas para tomarem em suas mãos a tarefa de transformar seu país, é que todo o processo se transforme na mera troca de uma ditadura aberta e conhecida, por outra, imprevisível e sob o disfarce de democracia.

## **4 O poder cultural e o domínio do Ocidente.**

### **4.1 Interesses dos Estados Unidos**

Os Estados Unidos ocuparam a posição de maior potencia hegemônica mundial nos últimos anos do século XX, mas as crises econômicas pelas quais tem passado - tanto após o 11 de Setembro quanto na crise imobiliária de 2008- abriram espaço para outros contendores na arena internacional, como a China, a Índia, a Rússia e até mesmo o Brasil. Mas quem foi rei, demora a perder a majestade, como

---

<sup>15</sup> NYE, Joseph, 2004.

se observa com as seguintes declarações de Hubert Védrine, ministro francês das Relações Exteriores,.

“(...) os Estados Unidos são como um peixe grande que nada com facilidade e dominam, soberanos, as águas da globalização. Nelas, os americanos colhem grandes benefícios: por suas dimensões econômicas; porque a globalização ocorre em seu idioma; porque ela se reorganiza com base nos princípios econômicos neoliberais; porque eles se impõem suas práticas jurídicas, contábeis e técnicas; e porque são os advogados do individualismo”. *Apud* NYE (2002, p. 137).

Apesar de todas as dificuldades que têm enfrentado ao longo da última década, no entanto, não há como negar que as instituições norte-americanas exercem uma enorme atração sobre as populações miseráveis, desamparadas pelo Estado, que povoam os vários territórios do Oriente Médio. Os mais jovens e, em especial os usuários da Internet, expectadores de filmes e ouvintes de músicas ocidentais, não se sentem nem um pouco constrangidos a deixar de lado uma boa parte de sua própria cultura - que muitos visualizam como ultrapassada e incompetente para lhes proporcionar as benesses que cobrem os povos ocidentais - e levantam-se contra seus governantes. Eles também almejam fazer parte da era da informação e dos avanços tecnológicos que caracterizam os países ocidentais.

É por isso que com a ascensão de potências regionais, pulverizando a distribuição de poder no mundo e com a eventual emergência das democracias resultantes das revoltas da Primavera Árabe, os Estados Unidos não devem mais contar apenas com seu *hard Power*<sup>16</sup> (poder de coerção) para controlar a ordem internacional ou para atender a seus interesses econômicos, mas intensificar a penetração de seu *soft Power*<sup>17</sup> (poder de persuasão) entre os habitantes dos países árabes para difundir as instituições que lhe deram o papel hegemônico no planeta e assim, manter-se no papel de polícia internacional.

Certamente, o acesso à Internet de banda larga para que possam conectar-se pelo Facebook a jovens de todo o planeta, para acessarem os filmes ocidentais, ou para consumirem produtos de qualquer parte do mundo on-line tem

---

<sup>16</sup> Hard Power é um conceito criado por Joseph Nye para representar o poder militar-coercitivo das grandes potências.

<sup>17</sup> Soft Power, também criado por Nye, indica o oposto do hard Power. Seriam as medidas de persuasão a serem utilizadas para o domínio de povos estrangeiros. Dentre elas, a mídia, a internet, o cinema, a música, os bens de consumo, etc.

um apelo e uma influencia muito maior sobre a juventude árabe do que a coerção religiosa exercida pelos patriarcas de sua cultura teocrática.

De acordo com Nye:

O país que consegue legitimar seu poder aos olhos dos demais encontra menos resistência para obter o que deseja. Contando ele com uma cultura e uma ideologia atraentes, os outros se mostram mais dispostos a acompanhá-lo. Se conseguir estabelecer regras internacionais compatíveis com a sociedade, é menos provável que tenha que mudar. (NYE, 2002, p. 39)

Porque os Estados Unidos e varias potencias europeias ajudaram militarmente a população Líbia a rebelar-se contra os desmandos seu ditador – aliado de longa data dos governos norte-americanos e europeus – incentivando na mídia e nas redes sociais as revoltas que levaram à captura e morte de Muamar Kadafi? Seria porque lhes é conveniente adotar uma postura positiva em relação aos valores de liberdade, igualdade e democracia - ou porque na verdade estariam interessados em controlar indiretamente as riquezas em petróleo daquele país?

Os interesses vitais dos Estados Unidos ao redor do mundo, como se pode observar pelo exemplo acima, nem sempre são defendidos apenas com *hard power*. O trabalho iniciado pela força das armas, sempre é secundado pelo poder brando, visando reforçar a autoridade moral conquistada e subvertendo a cultura de cada povo dominado para atender aos interesses das grandes organizações econômicas mundiais.

Por isso, é preciso que a queda de governos ditatoriais e corruptos nos países que estão vivenciando mudanças bruscas de governo tenha algum significado real para suas populações. Se valores como democracia, capitalismo e liberdade política podem, efetivamente promover melhoras em suas condições de vida, eles devem ser perseguidos *per si*, e não por refletirem o poder brando exercido pelos ocidentais sobre eles. Espera-se que as novas lideranças, se emergirem a partir do apoio popular, saibam aproveitar as riquezas nacionais para melhorar as condições de vida de seus concidadãos, protegendo-os da ganancia ocidental e direcionando-os para um verdadeiro desenvolvimento.

#### 4.2 Oriente Médio e OPEP

Os países do Oriente Médio são os maiores produtores e exportadores de petróleo - uma das fontes de energia mais usadas no mundo. Para coordenarem de maneira centralizada a política petrolífera, os países produtores desse bem criaram em 1960, durante a Conferência de Bagdá, uma organização internacional, a OPEP<sup>18</sup> (Organização dos Países Produtores de Petróleo) visando combater quedas em seu preço, controlando o volume da produção e a distribuição desse recurso energético,

Os países membros da OPEP são detentores das maiores reservas mundiais de petróleo, sendo a Venezuela e o Equador os únicos países não orientais do grupo. O petróleo é comercializado quase cru. Seu refino e transformação em outros produtos são feitos pelos países industrializados que o compram e consomem. E os Estados Unidos têm sido, tradicionalmente, seu maior parceiro comercial.

Essa situação, no entanto, mudou muito, principalmente ao longo da última década. Como os Estados Unidos investiram trilhões de dólares para instalar empresas de refino do óleo e na construção de infraestrutura básica – estradas, aeroportos, geradores, etc. - para a exploração e produção de petróleo árabe, a velada interferência norte-americana nos assuntos políticos e econômico daquela região começou a incomodar. Alguns governantes, como os da Arábia Saudita e Jordânia passaram a incentivar extra-oficialmente movimentos anti-ocidentais, como a guerrilha da Al Qaeda no Afeganistão, enquanto outros, como o Irã, atacam os costumes e a cultura ocidental abertamente.

No entanto, ainda existem muitas controvérsias sobre o verdadeiro interesse que as grandes potências têm sobre o Oriente Médio. As reais intenções dos EUA, aparentemente, giram muito mais em torno de questões de poder e controle, visando manter sua supremacia econômica no cenário mundial, do que propriamente com relação ao abastecimento energético, visto que os países do Golfo Pérsico suprem somente 18% das necessidades energéticas norte-

---

<sup>18</sup> A OPEP é uma cooperativa formada por países produtores de Petróleo no Oriente Médio (com exceção da Venezuela) e é composta por: África: Angola, Argélia, Líbia e Nigéria; América do Sul: Venezuela, Equador; Oriente Médio: Arábia Saudita, Emirados Árabes, Irã, Iraque, Kuwait e Catar

americanas<sup>19</sup>. Assim acredita-se que para eles, muito mais importante do que garantir o petróleo para si mesmo, é manter controle sobre os recursos energéticos que são necessários para Europa e Japão, dois polos que, economicamente lhe fazem concorrência e desafiam sua supremacia.

#### **4. Diferenças culturais e poder.**

##### **5.1 Soft Power**

O termo *soft power*, ou “poder brando”, surgiu nos anos 80 com Joseph Nye, que o utiliza para descrever a habilidade de um corpo político, como um Estado, em influenciar indiretamente o comportamento ou os interesses de outros corpos políticos por meio de bens culturais ou ideológicos. Em outras palavras pode-se dizer que ele seja uma força de atração gerada pela transmissão de valores e costumes do emissor que fascina o receptor e o trazem para sua esfera de influencia sem que seja necessário o uso de violência<sup>20</sup>.

Apesar de ser muito importante nas relações de domínio das grandes potências, o *soft power* não pode ser utilizado sozinho, pois sua estratégia só tem efeito em longo prazo. Ele é uma força complementar, ratificador de uma conquista que eventualmente já tenha sido feita pelas artes da diplomacia ou das armas. As forças militares nunca devem ser deixadas definitivamente de lado por qualquer potência que queira exercer hegemonia sobre um determinado território – mesmo que seja uma hegemonia cultural - pois sem coerção, os argumentos socio-culturais divergentes raramente serão ouvidos pelo dominado. Nesse caso, o equilíbrio de poderes é fundamental: não se pode optar pelo caminho mais fácil, já que a política dos ‘bons argumentos’ não é eficiente sozinha

##### **5.2 Influência da cultura ocidental sobre o Oriente Médio.**

---

<sup>19</sup> TODD, Emmanuel. Depois do Império. Rio de Janeiro, Record, 2003. , p. 167

<sup>20</sup> NYE, Joseph: Soft Power: The Means to Success in World Politics, 2004. New York, 2004. Ed PublicAffairs. Acesso em 17/05/2012

Nos últimos 200 anos, e cada vez mais na era contemporânea da globalização, mais e mais bens ocidentais, desde roupas a alimentos, ou até computadores têm ocupado um espaço considerável no mercado árabe. Não apenas bens materiais têm sido importados do Ocidente, mas livros, música e filmes ocidentais também são muito populares, especialmente entre a elite urbana daquela região.

A quantidade de turistas e de trabalhadores internacionais que o Oriente Médio recebe anualmente reforça ainda mais a penetração das ideias ocidentais nos países daquela região. Quando um jovem árabe é apresentado a um *Ipod*, um *smartphone* ou a um *tablete* por um ocidental, ele fica maravilhado com o nível de tecnologia envolvida nesses aparelhos e passa a desejá-la para si. Quando assiste a um filme norte-americano e compara seu modo de vida – tribal, com economia de trocas, produção agropecuária rudimentar, etc. - com o *american way of life*, a grande maioria se sente profundamente atraída, chegando a renegar a própria cultura e seus valores, agora indesejados.

Eles querem Internet de banda larga com *Wifi* e *Bluetooth*, querem dançar músicas *Techno* nas baladas e querem liberdade sexual. Essa é parte da força do softpower, mas não é tudo. O jovem árabe também quer ter acesso a melhores escolas, ser atendido em hospitais bem aparelhados, beneficiar-se com estruturas de saneamento básico e, claro, ter um forno micro-ondas, máquinas de lavar pratos e roupas de grife – além de uma TV LCD de 42” na sua sala de estar.

Essa é a verdadeira força do Ocidente, o poder brando que exerce um domínio muito mais profundo e duradouro sobre os povos árabes, do que o poder duro jamais conseguiu. Para terem tudo o que é consumido nos mercados europeus ou norte-americanos, no entanto, esses jovens – que sempre foram colocados à margem do poder, à margem do conhecimento e à margem da sociedade e do consumo por seus governantes - precisam rever e reconstruir seus valores estruturais.

Consumo é um termo eminente capitalista. Liberdade vincula-se a democracia e participação política. Para ver seus desejos de consumo realizados, o jovem árabe precisa trazer o capitalismo a região miserável onde vive. Para poder exercer seus direitos de cidadão e participar dos destinos políticos de seu país, ele

percebe que deve rebelar-se, ir às ruas, reivindicar sua vontade e desinstalar as monarquias ou ditaduras autocráticas e arcaicas que impedem o seu acesso ao futuro.

O primeiro tiro dessa rebelião jovem sobre velhas estruturas foi dado na Tunísia, detonando um processo que rapidamente se espalhou por vários outros países no Norte da África e no Oriente Médio. Ninguém sabe ainda o que vai sobrar em pé nessa guerra de vontades. Mas é tempo de mudanças e com certeza o mundo ocidental e seu ímã consumista serão renovados com a entrada dessa nova horda bárbara, ansiosa por partilhar riquezas, tecnologia e valores, por participar do consumismo mundial, dos avanços tecnológicos e de política democrática.

## Conclusão

Será que a morte de milhares de pessoas pela libertação política do povo árabe conseguirá conscientizar os revoltosos de sua verdadeira função no processo, levando-os a utilizar de forma adequada a liberdade que estão exigindo? Como saber se a derrubada de regimes ditatoriais irá trazer realmente o que o povo clama? A resposta para tais questionamentos, de acordo com o que foi levantado por essa pesquisa, é que tudo depende de *como* será o poder dado aos novos governos que se instalarem na região.

A maior dificuldade que os analistas internacionais estão encontrando para formar cenários futuros é identificar *como* e *se* essas novas lideranças árabes conseguirão conduzir seus países a uma revolução nacional e capitalista, levando-os ao desenvolvimento esperado.

O caminho é difícil. Os jovens que se revoltaram contra as estruturas arcaicas de poder ainda estão fortes, mobilizados e vistos na mídia interna e externa como heróis da liberdade, mas se não tiverem uma boa liderança ou não se apoiarem na vontade nacional, podem perder a coesão que alcançaram com tanta dificuldade e abrir espaço para o retorno de velhas elites disfarçadas com nova roupagem e apoiadas - como antes - por interesses estrangeiros.

Para afastar esse risco, seria preciso que o povo realmente fizesse valer sua vontade. Apesar de a grande maioria da população ter um baixo nível educacional e de viverem sob condições de intensa pobreza, é deles que deve emanar o poder de um governante genuinamente democrático. Líderes comprometidos com a causa popular seriam fundamentais para que a Primavera Árabe atingisse seu objetivo final, mas as grandes massas esperançosas desses países têm que precaver-se para não serem enganadas.

As consequências da “contaminação” em massa que atingiu as antigas ditaduras do Oriente Médio são absolutamente imprevisíveis, principalmente se considerarmos todas as diferenças culturais, econômicas e sociais que existem entre eles e os analistas internacionais, - norte-americanos ou europeus - que procuram prever as consequências geopolíticas e econômicas dessas revoltas, sem conseguir chegar a um consenso.

Afinal, o fornecimento mundial de petróleo e gás que cobriu o desenvolvimento industrial das grandes potências ao longo das últimas décadas foi garantido por relações clientelistas entre governantes árabes e governantes ocidentais, com os primeiros incentivando a manutenção de ditaduras pelos últimos, principalmente em regiões petrolíferas, justamente para garantirem um fluxo constante de recursos enérgicos no mercado internacional.

Com os movimentos populares em andamento, no entanto, espera-se que haja uma nova política de relações com o Ocidente - anseio dos revoltosos - mas não se pode desconsiderar, por outro lado, que dificilmente a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) deixará de manter sua formação e política de cartel.

Quanto aos novos governantes – eleitos ou autocráticos - se quiserem se manter no poder, devem mudar o estilo ditatorial que caracterizou a política dos países árabes nas últimas décadas e dispensar teocracias ao estilo iraniano. Não devem procurar simplesmente ocupar o vácuo de poder criado com a queda dos ditadores, mas incentivar forças democráticas que os levem ao governo nos braços populares, pois a população que saiu às ruas protestando por seus direitos civis aspira por uma política mais participativa – mesmo que a maioria ainda não tenha a menor idéia do que quer que isso signifique.

Além de poderem se sentir parte integrante da nova governança, a população também espera que os novos líderes que emergirem com seu apoio saibam aproveitar melhor as riquezas nacionais, melhorando a vida de seus concidadãos, protegendo-os da ganancia ocidental e direcionando-os para um verdadeiro desenvolvimento.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Ricardo Luiz. **A Democracia e a Liberdade de 06/2005. Doutrina e Peças.** Disponível em <http://jus.com.br/revista/texto/7440/a-democracia-e-a-liberdade>. Acesso 05/05/2012

BRESSER-PEREIRA, L. C. **Revolta no Oriente Médio e revolução capitalista.** Política Democrática, v. 29, p. 32-41, 2011 Disponível em <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2011/11.10.Modelo-Oriente-Medio.pdf>. Acesso em 10/04/2012.

CHARBONNEAU, Louis. **Syria conflict now a civil war, U.N. peacekeeping chief says.** De 12/06/2012. REUTERS. Disponível em <http://www.reuters.com/article/2012/06/12/us-syria-crisis-un-idUSBRE85B1BI20120612>. Acesso em 12/06/2012

CORREIA, Leonildo. **Consciência, liberdade e política.** Disponível em <http://www.leonildo.com/politica.htm>. Acesso em 19/04/2012.

FERREIRA, Marcos Alan F.S: **Definições Conceituais para o entendimento da política externa dos Estados unidos:** as noções de poder duro (hard power) e poder brando (soft power). In PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO SANTIAGO. Disponível em <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/nucleos/artigos/Marcos.pdf> Acesso 20/03/2012.

GOODMAN, J. David e Bakri, Nada. **Thousands in Yemen Protest Against the Government,** In the New York Times, 28/01/2012. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28yemen.html?\\_r=2](http://www.nytimes.com/2011/01/28/world/middleeast/28yemen.html?_r=2).> Acesso em 20/04/2012.

HOLGUIN, Jaime. **Soft Power and Hard Power,** in CBSNews.com. 11/02/2009. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/stories/2003/01/28/opinion/diplomatic/main538320.shtml>. Acesso em 22/04/2012.

KIRKPATRICK, David D. **Egypt Erupts in Jubilation as Mubarak Steps Dow.** In The New York Times, 11/02/2011. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/02/12/world/middleeast/12egypt.html?pagewanted=all>. Acesso em 10/04/2012.

LIMA, Eduardo Sales. **A primavera que o Ocidente pediu a Deus.** In Brasil de Fato Disponível em: <http://www.brasildefato.com.br/content/primavera-que-o-ocidente-pediu-deus>. Acesso em 19/04/2012

MARX, Hermann Gonçalves. **Definição de democracia.** 20/11/2007. PORTOGENTE. Disponível em <http://www.portogente.com.br/texto.php?cod=12506> Acesso em: 16/05/2012

MAURO, Filipe *et alles*. **Um ano de Primavera Árabe e o furacão que derrubou governos e contagiou o mundo.** In Opera Mundi. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18931/um+ano+de+primavera+arabe+o+furacao+que+derrubou+governos+e+contagiou+o+mundo.shtml>. Acesso em 19/04/21012.

MOISI, Dominique. **An Arab Spring?** In Project Syndicate, 26/01/2011. Disponível em <http://www.project-syndicate.org/commentary/an-arab-spring->. Acesso em 09/03/2012.

MONTECLARO, Lauro. **A democracia no Oriente Médio.** Disponível em: [http://lauromonteclaro.sites.uol.com.br/Meus\\_Artigos/A\\_Demo\\_Or\\_Medio.htm](http://lauromonteclaro.sites.uol.com.br/Meus_Artigos/A_Demo_Or_Medio.htm) Acesso em: 16/mai/2012.

MORENO, Jorge Bastos. **O Trágico Fim de Muamar Kadafi.** 20/10/2011. In O GLOBO. Disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/moreno/posts/2011/10/28/o-tragico-fim-de-muamar-kadafi-413774.asp>. Acesso em 10/abr/2012.

NYE, Joseph. **O Paradoxo do Poder Americano.** São Paulo: Ed UNESP, 2004.

PIPER, Elisabeth. **Lebanon: Protests against Sectarian Political System.** In Reuters Africa 27/01/2012. Disponível em <http://af.reuters.com/article/egyptNews/idAFLDE71Q08L20110227>. Acesso em 26/04/2012.

RAND, Ayn: **Capitalism. The Unknown Ideal.** Disponível em <http://www.capitalismo.com.br/o-que-e-capitalismo/>. Acesso em 15/mai/2012

TURNER, Lane. **Protest spreads in the Middle East.** In The Boston Globe. 26/01/2012. Disponível em [http://www.boston.com/bigpicture/2011/01/protest\\_spreads\\_in\\_the\\_middle.html](http://www.boston.com/bigpicture/2011/01/protest_spreads_in_the_middle.html). Acesso em 12/04/2012.